

CORREIO BRASILEIRO
DE JANEIRO

2 Brasília, terça-feira, 26 de janeiro de 1968

CORREIO BRASILEIRO

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Maurício Dinepi

O Centrão e a realidade

Começa amanhã a votação do plenário, fase decisiva dos trabalhos da Assembléa Nacional Constituinte. Até aqui, tudo se limitou na verdade a movimentos preliminares, esboços mais ou menos consistentes da nova estrutura que vai reger o País. Dentre eles ganharam relevo o anteprojeto da Comissão de Sistematização e as propostas do Centrão.

Do trabalho original que teve como relator o deputado Bernardo Cabral considerável parcela é plenamente aproveitável, consentânea com as aspirações do povo brasileiro. Há, porém, exageros em alguns dispositivos incompatíveis com a realidade nacional e que se chocam com as tradições históricas de um país democrático assentado na livre iniciativa e sem alinhamentos automáticos.

Da ação desenvolvida pelo Centrão resultou a correção de pontos inviáveis e contrários aos interesses populares, embora na aparência pretendessem a defesa das massas trabalhadoras. Eram, no entanto, determinações capazes de levar a economia de mercado a impasses negativos. Empresas das mais sólidas poderiam acabar afetadas ao extremo do encerramento de suas atividades ou pelo menos por uma situação crítica de drástica redução de empregos.

Os membros do Centrão enxergaram tudo isso. E mais: viram aspectos perniciosos de um nacionalismo divorciado dos tempos atuais, desconhecedor do dia-a-dia de um

mundo cada vez mais interdependente. Na ordem econômica o Centrão ajustou à realidade iniciativas absurdas, como o pretendido monopólio estatal da distribuição de derivados de petróleo, cuja concretização até a Petrobrás achou difícil, pois viria sobrecarregá-la com tarefas há setenta anos executadas a contento pela livre empresa.

Todos os povos buscam incessantemente novas e sempre avançadas conquistas sociais. O Centrão sabe disso, como de resto todos os constituintes e os brasileiros em geral. Procurar a promoção social em escala ascendente é um dever e um imperativo de cada nação. Há, contudo, que compatibilizar justas aspirações com as possibilidades nacionais. Todo mundo sabe que o Brasil enfrenta uma crise sem precedentes em toda a sua história, ameaçado por um recrudescimento inflacionário que pode culminar no caos da hiperinflação. Existem os problemas graves de uma dívida externa superior a 120 bilhões de dólares e que não pára de crescer.

Tais pontos negativos exigem coragem e competência para a Nação fazer-lhes frente e vencê-los. As esquerdas mais radicais ignoram a conjuntura e se organizam para conquistar o inatingível. Ao Centrão cabe justamente manter sua coesão majoritária e organizadamente dar aos brasileiros uma Constituição democrática, afiada e assentada na realidade.